

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL Educação Física, Lazer e Saúde

SIEFLAS 2013

Desafios e Oportunidades num Mundo em Mudança

2º Volume



Coordenadores: Beatriz O. Pereira, António C. Cunha, Zélia Anastácio & Graça S. Carvalho

Universidade do Minho - Instituto de Educação
Braga, Portugal - 03 a 06 de Julho



Realização: Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC)
www.ciec-uminho.org/sieflas2013 | sieflas@ie.uminho.pt | (+351) 253 60 12 12

FICHA TÉCNICA:

Título: Atas do IX Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde **(2º Volume)**

Proceedings of the IX International Seminar of Physical, Leisure and Health (2nd volume)

Coordenadores de Edição: Beatriz O. Pereira, Camilo Cunha, Zélia Anastácio, Graça S. Carvalho.

Comissão Editorial: Carla Silva, Cláudia Ferreira, Alberto Nídio Silva.

Arranjo de textos: Carla Silva, Cláudia Ferreira

Data: Julho de 2013

Impressão: Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga.

ISBN: 978-972-8952-28-0

Edição: Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Instituto de Educação, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 - Braga, Portugal.

Telefone:253601212

Email: ciec@ie.uminho.pt

URL: www.ciec-um.org

O LUGAR DA TEORIA - NA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

António Camilo Cunha – CIEC / IE – Universidade do Minho - Braga / Portugal

Resumo

A reflexão parte de algumas constatações/proposições para depois analisar o lugar da teoria na Educação Física e Desporto. As constatações/proposições: desporto clássico tinha (tem) como grande objetivo a competição e a obtenção de mais e melhores resultados. Era (é) um desporto para alguns, desporto que não fazia (faz) parte da vida quotidiana. Desporto de um grupo (atletas) que sua essência uma manifestação que poderia ser educativa e por isso foi chamado a integrar essa missão. O maior exemplo deste fato, pode ser encontrado no projeto educativo helénico, onde a Educação Física concorria de igual forma com as outras áreas educativas - canto, retórica... escultura, pintura. Hoje, também está presente na escola fazendo parte do projeto educativo moderno; com a modernidade (revolução industrial, iluminismo) o desporto continua a ter estas duas direções, acrescentando agora uma nova variável: o social. O Desporto invadiu o social sendo simultaneamente produtor e produto social, constituindo-se como uma manifestação cultural. Na base desta dialética (mais do que dicotomia ou dualidade) está uma melhoria das condições básicas de vida (para lá da sobrevivência... mais tempo para o ócio) associado à evolução da técnica, da informação e da comunicação. Esta evolução permitiu: um maior processo de comunicação – comunicação de pessoas, de seres humanos, seres de comunhão, de partilha, que vivem em comum; uma valorização do corpo através do desporto – assiste-se ao elogio da saúde, da estética, do prazer...exaltação do corpo e o regresso à natureza; novos espaços informais e não formais são contemplados. O Corpo que antes era um instrumento produtivo, passa a ser instrumento e um locus de vida, realização individual e coletiva, manifestação de felicidade. Ora, todas estas proposições têm na retaguarda um sentido teórico. Mas, que teoria!? É isso que pretendemos desconstruir.

Palavras-Chave: Teoria/Prática, Educação Física/Desporto, Corpo, Cultura.

1- Introdução

A reflexão que a seguir se apresenta procura fazer o elogio ao ***lugar da teoria*** ⁽¹⁾ para, depois, elevar o lugar da teoria na Educação Física e Desporto. Neste envolvimento, podemos afirmar, com algum acerto, que o positivismo lógico – paradigma, ainda hoje, dominante no campo da Educação (Física) –, fez com que o *valor da teoria* fosse “aprisionado” pelo número e pela objetividade. Não discordando desse facto – note-se que o positivismo se constituiu como caminho de evolução técnica, utilitária... –, é nosso entendimento que a prática será mais rica se tiver como “mola de impulso” uma teoria rica, fundamentada e sólida, pois, como referimos, o número (expressão positiva) não poderá ***ser o fim (um fim em si mesmo), mas o início e o caminho*** para a reflexão e para o conhecimento/entendimento. Foram estas constatações (simples) que inspiraram a feitura do presente texto.

2 – Desenvolvimento

2.1 – A origem da teoria

Nada melhor que entender (desconstruir) uma palavra, recuando à sua origem ou à sua raiz etimológica. Assim, o vocábulo **teoria** deriva do Grego - **Theorein** - que significa: *fixar a atenção, conhecer a pureza, conhecer a verdade tal como ela é, considerar*. Algumas constatações histórico/ filosóficas dão-nos conta ou substantivam o essencial destes sentidos:

- Platão, nos *diálogos*, alude à teoria como um modo de vida. Um modo de vida não apenas utilitário – conceitos, formas, comportamentos –, mas também contemplativo – o olhar o céu...;
- Aristóteles, na *metafísica*, refere que todos os homens, pela sua natureza, desejam conhecer;
- Heidegger, ao fazer a análise etimológica à palavra teoria, regista: “*olhar com atenção sobre a aparência exterior... onde a verdade entra pelos olhos*”. Note-

se o alcance semântico-pragmático da expressão “aparência exterior”, pois, na verdade, Heidegger sabia que é impossível conhecer a verdade pura ou as coisas como elas são realmente – conhecer as coisas mesmas é uma tarefa difícil, senão impossível.

2.2 - Algumas proposições sobre a (s) teoria (s)

A partir dos sentidos atribuídos à teoria já evocados, podemos adiantar algumas proposições:

- a) A teoria como uma intencionalidade, um desejo dirigido ao mundo por forma a percebê-lo, a entendê-lo e a conhecê-lo ou como possibilidade de perscrutar os seus sentidos mais insondáveis;
- b) A teoria como modo de vida simultaneamente utilitário e contemplativo;
- c) A verdade é aparente (aparência exterior), pois é ontologicamente impossível sermos puros (Deuses) para fixar o olhar e ver a pureza. Todo o olhar tem uma construção prévia, assente em preconceitos, dogmas, cultura, etc., que nos impedem de “ver a Deusa”. Aquele desejo de regressar às coisas mesmas, que encontramos em Edmund Husserl e em Merleau-Ponty, parece ser difícil ou mesmo impossível. Talvez possamos fazer uma aproximação ao momento em que nos situamos no mundo da infância onde o **movimento e a linguagem** parecem estar carregados de naturalidade, pureza e autenticidade.

“Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nos aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho. Este movimento é absolutamente distinto do retorno idealista à consciência, e a exigência de uma descrição

pura exclui tanto o procedimento da análise reflexiva quanto o da explicação científica” (Merleau-Ponty, 2006, p.4).

Neste envolvimento, mesmo a teoria mais valorizada (*status quo*) ou a *teoria científica/positiva* considera que a *observação, verificação, confirmação/infirmção* não podem ser realizadas sem preconceitos. *Um instrumento é um preconceito, um método é um preconceito.* Quem o preconiza é o pai do positivismo - Auguste Comte - na obra *Discurso sobre o espírito positivo*.

d) A teoria é o ponto de partida para ver o fenómeno. O fenómeno vai-se dar a conhecer, vai mostrar-se e manifestar-se. A teoria dá-nos a ver. Nós não conseguimos ver a teoria, mas ela dá-nos a ver. No mesmo sentido, também não vemos os nossos olhos (só ao espelho), mas eles dão-nos a ver.

Os instrumentos de medida (não só a ciência tem instrumentos de observação e medida) são uma teoria. O *microscópio (excelência da ciência)* assim como o *vedor (excelência da doxa)* podem ser entendidos como prolongamentos do olho e do espírito. Merleau-Ponty na obra *O olho e o espírito* aborda esta dimensão dos instrumentos como prolongamentos...

e) Não existe teoria (uma teoria), mas sim teorias⁽²⁾. As várias teorias de hoje correspondem às várias formas de ver o mundo. São as diversas formas de olhar e conhecer os fenómenos. São as *várias formas de ser homem*.

f) Não existem teorias melhores ou piores. Levi-Strauss, na obra *O Pensamento Selvagem*, vem defender que há uma teoria em qualquer ser humano. Não há um lado da ciência e um lado da ignorância, pois a teoria é resultado do humano e o humano é feito de cultura e preconceitos, crenças, geografias, ideologias, tradições (a neutralidade pura - como supostamente encontramos nos “Deuses” - não existe). Estamos, assim, perante um homem “contaminado” onde cabem todas as teorias. O Índio da Amazônia tem sua teoria; o camponês tem sua teoria; o homem da cidade tem sua teoria; o intelectual (homem da ciência) tem

sua teoria - teoria científica. Existem, assim, várias teorias/epistemes que vão dizer o empírico, a vida, a beleza...o Homem.

g) A maior parte das teorias são legitimadas por uma ou uma pluralidade de práticas, sendo a prática entendida como *pôr em, efetuar, forma de agir, dar valor*.

Gizadas as constatações/proposições motivadas pela problematização do conceito de teoria, é talvez, agora, possível chegar a uma primeira grande conclusão:

Todas as teorias são válidas pois a ideia de teorias boas de um lado e teorias más do outro, não será um estado definitivo, mas um estado que estará de acordo com a posição cultural, axiológico... de quem as professa. Assim, todas as teorias são resultado de construções e preconceitos - sejam culturais, ideológicos, culturais, axiológicos... A pureza não existe em nós. Se existisse, tínhamos a possibilidade de encontrar a teoria pura, a contemplação plena, a compreensão cabal, o conhecimento integral – total/radical.

A teoria é, ao fim ao cabo, a forma, o caminho (sempre imperfeito) de conhecer, de entender o mundo e de procurar a felicidade. Assim a entendemos: a teoria como caminho da felicidade – *ver a Deusa!*

2.3 – O lugar da teoria no século XXI

Quando nos situamos no século XXI, constatamos que as grandes correntes do conhecimento existentes não foram todas adotadas da mesma forma, na medida em que umas foram elevadas, ao passo que outras foram relegadas para planos inferiores. Numa rápida análise a essas teorias, podemos enfatizar cinco grandes correntes ou cinco correntes bastante conhecidas, vindas já do séc. XX, e que apresentamos sucintamente:

- *Atomismo lógico*⁽³⁾: Corrente da filosofia analítica, teoria do significado e do esclarecimento - lógica dos enunciados. A verdade de uma proposição é feita

por elementos (átomos lógicos – vindos de uma vontade geral) que a constituem. Neste sentido, e atendendo ao pluralismo irreduzível do mundo, a verdade de uma proposição nunca poderá ser sintetizada/reduzida a um único elemento.

- *Positivismo/empirismo lógico (Círculo de Viena)*⁽⁴⁾: Corrente que pretende contribuir para a elaboração de leis gerais, sendo muito inspirada nas ciências naturais e na verdade da metodologia científica - empírica, objetiva, passível de generalização e neutra axiologicamente.

- *Neo-Kantianos*⁽⁵⁾: Corrente humanista, interpretativa, ao defender a “máxima” de que cada elemento da sociedade tem o seu ritmo, o seu valor, que, sendo individual, é também universal.

- *Fenomenologia*⁽⁶⁾: Corrente que pretende “voltar às coisas mesmas” - pessoas, experiência humana, social, experiência de (da) vida, construção e reconstrução do mundo, a partir das manifestações iniciáticas, puras e autênticas.

- *Marxistas (Escola de Frankfurt)* ⁽⁷⁾: Corrente que faz uma crítica à ascensão do capitalismo. Se o capitalismo aparentemente tinha um “bom sentido” - com contributos aparentemente bons -, ele veio a revelar-se com muitas contradições e paradoxos, exibindo características como: exploração, estratificação social ou classes, conflitos de classes, domínio de classe, economia, capital, grupos, entre outros.

- *Marx – Weber*: Teoria que apela ao compromisso, à interpretação, à ação humana; teoria que faz o elogio à significação da vida, à subjetividade, aos valores, às atitudes e às crenças - aceitação radical da diversidade.

2.3.1 – O que aconteceu

O Século XX foi o da consagração do *positivismo lógico* e a sua máxima: *a verdade é resultado da experiência/fatos*. O peso do positivismo lógico foi poderoso, esmagador, consagrando a verificabilidade empírica - hipótese, número, padrão, generalização, lei - como manifestações do verdadeiro conhecimento e, por isso, da verdadeira teoria. O positivismo tem sua teoria - o número. Ora, este caminho faz sentido para as ciências exatas/naturais. Foi deste facto que se assistiu à emergência do conhecimento e produção da técnica, tecnológica, nuclear, do armamento e do mercado – da produção material...

Com efeito, este caminho – o da exclusividade positivista – parece ser de exclusão e, até, de *desconhecimento epistemológico*, quando situado no campo das ciências humanas e do comportamento. Na verdade, quando se trata de pessoas, o conhecimento da observação, da descrição exata, quantitativa, objetiva, parece ser redutor e afastado das grandes questões como: o homem, a vida, a subjetividade, as emoções, os afetos ou os sons; ou ainda, na esteira de Kant, o sentido da estética, do juízo do gosto, da sensibilidade e da razão pura.

As formas de conhecimento nas ciências humanas e do comportamento - é bom (re) lembrar, por exemplo, que Educação Física e o Desporto se situam, na sua essência, nas ciências humanas e do comportamento - necessitam de outras formas de conhecimento que contemplem expressões culturais, axiológicas, filosóficas e teóricas, entre outras.

Foram estas realidades que fizeram com que, na década de 60 do Século XX, emergisse um tempo de mudança - uma *mudança cultural* pelo elogio ao “capital” humano, social, cultural, investigativo e, com ela, o *elogio ao sentido pluriparadigmático do conhecimento e da teoria*. Neste envolvimento, as outras várias teorias (que se encontravam, até ali, mais ou menos silenciosas) começam a manifestar-se, sendo que, hoje, a ideia da **comunicação**

epistemológica é aquela que se mostra com mais sentido. Assim, *uma* práxis conforme os contextos sociais, políticos, culturais, numa permanente construção/reconstrução, reinterpretação teórica são caminhos que parecem servir melhor o humano, a comunidade e o mundo. A teoria científica (de cariz positivista) começa a revelar-se frágil (ao serviço do homem) e a necessidade de incorporar conhecimentos mais próximos das ciências humanas parece ser determinante.

2.4 - O valor e o lugar natural da teoria hoje

A teoria é um pressuposto fundamental, pois nela reside **a informação, o conhecimento e a sabedoria**. A excelência da teoria (como acabamos de sustentar) é quando nela se fazem não apenas juízos empíricos, mas também metafísicos, culturais, axiológicos, filosóficos, políticos... A teoria serve para fundamentar o conhecimento (episteme), bem como para possibilitar sempre uma meta-análise, uma crítica/crítica em torno de si mesma. A teoria é exigente, está em constante confronto, diálogo, reinterpretação numa dialética de construção e destruição. *Este é o seu valor epistemológico*.

Assim, as práticas empíricas, intelectuais e científicas não possuem apenas um estatuto meramente empírico. Elas têm em si uma dimensão normativa, axiológica, metafísica, cultural, valorativa capaz de *fazer um mapa da realidade (humana) - teoria humana*. O homem (e suas manifestações) é, antes de mais, do campo das ciências humanas e do comportamento e, por isso, não há uma rutura radical entre o empírico e as proposições não empíricas - que são culturais, valorativas, metafísicas e, por isso, muitas vezes, abstratas, irracionais, axiológicas, subjectivas, particulares e gerais. O Homem é, assim, do campo das grandes narrativas ou das construções filiadas não apenas no mundo histórico-factual ou empírico, mas também no universo contra-factual e/ou ficcional.

Deste modo, as questões teóricas podem ser avaliadas sem ser empiricamente, podendo ter (têm) a sua validade teórica, enquanto fruto de continuada reflexão

expressa em avanços e recuos. Há uma crítica /crítica teórica, metafísica, política, cultural, filosófica, contemplativa...que é mais forte que as evidências empíricas. Neste sentido, as mudanças teóricas não se dão apenas porque algumas constatações empíricas assim sugerem. Elas são, antes de mais, resultado de uma reflexão teórica profunda – *sentido pluriparadigmático*.

Os acontecimentos científicos não são uma evidência da experiência, mas da teoria, que vai questionar a evidência empírica.

2.5 – A Educação Física e o Desporto neste contexto

A Educação Física e o Desporto são, antes de mais, - como já tivemos oportunidade de referir - do *campo das ciências humanas, do campo das grandes teorias/narrativas*. Esta afirmação pode ser encontrada na história (sentido da história)⁽⁸⁾ onde a podemos situar de forma direta e indireta. Ao pertencer ao campo das ciências humanas (o Homem como um fim em si mesmo e, com ela, a ideia de comunicação – com ele e com o outro), acaba por ser do domínio da teoria que não se reduz apenas a fatos empíricos.

Contudo, vamos constatar que a Educação Física e o Desporto também não conseguiram fugir ao desígnio do positivismo. A Educação Física e Desporto, ao considerarem o resultado, a competição, a eficácia ou o produto foram naturalmente assimilados pelo positivismo e, com ele, observa-se a emergência da teoria empírica ou da teoria reduzida aos factos técnicos e mecânicos. O Homem (corpo) veio a constitui-se assim como um instrumento, uma máquina, *um meio*.

Ora, para que a Educação Física e Desporto possam cumprir a dimensão *competitiva, educativa e social (forjar a comunidade)*, não deverão apenas situar-se no sentido positivo e terão de convocar o campo interpretativo/hermenêutico – a autenticidade, o face a face, a presença, a personalidade, a alteridade ou a relação, por exemplo.

O lugar da teoria na Educação Física e Desporto!? É o lugar de uma teoria reflexiva sustentada, exigente, profunda que tem em conta não apenas as evidências empíricas, mas também o sentido subjetivo, intersubjetivo, interpretativo, de acordo com os sentidos culturais, axiológicos, valorativos, filosóficos e políticos, entre outros.

Notas

1-A forma mais simples e precisa de perceber, de imediato, o significado da palavra teoria é mergulhar nos dizeres dos dicionários: Assim, numa rápida consulta ao **dicionário (geral) da língua portuguesa** vamos constatar que existem *quatro sentidos para a palavra teoria*: a-Teoria como conhecimento ideal, conhecimento puro; b-Teoria como conhecimento especulativo, não sistematizado, independente das aplicações; c-Teoria como conjunto de regras, de leis sistematicamente organizadas que servem de base a uma ciência e dão explicação de um grande número de fatos (teoria científica – teorizar a realidade tendo um método e uma referência/objeto que é empírico); d-Teoria como conjunto sistematizado de opiniões, de ideias sobre determinado assunto (teoria como doxa – senso comum – teorizar a realidade tomando como referenciais as crenças, a tradição, a cultura).

No **dicionário geral e analógico da língua portuguesa**, emerge a teoria como: “*noções gerais; princípios fundamentais de qualquer arte ou ciência; utopia; deputação ou comissão que, na antiguidade, era enviada ou mandada em nome de uma cidade, para ir fazer sacrifícios aos deuses ou consultar o oráculo*”(p.1174).

Por sua vez, no **dicionário etimológico da língua portuguesa** a teoria vem do grego que significa: “*acto de ver, de observar, de examinar; acto de ver um espetáculo, de assistir a uma festa; (...)contemplação do espírito, meditação, espírito; especulação teórica, teoria (em oposição à prática)*”; do latim *Theoria* como: “*a especulação, a investigação especulativa*”.p.290.

Já na **grande enciclopédia portuguesa e brasileira** a teoria refere: “*doutrina ou opinião sobre os princípios de uma ciência ou arte ou sobre a causalidade de algum facto; especulação; doutrina especulativa (...), relação entre um facto geral e os factos particulares que dependem dele(...); (do grego teoria, de *theorein* - considerar)...*”(p.299).

“*teo...elemento de composição que traduz a ideia de deus, divindade: teologia - do grego: theos*”(p.281).

2- Se procedermos a uma análise à história do Homem (cultura ocidental), podemos eventualmente construir uma pequena taxonomia à ideia de teoria - *e à prática a ela correspondente*. Neste sentido, tomamos a liberdade de considerar cinco focos teóricos:

- *Primeira teoria* – resultado da representação racional e irracional da realidade fundamentada num ideal, numa ideia de perfeição/imperfeição. É aqui que se vai situar o mito, o arquétipo, o religioso, a imagem (i)maculada. A prática surge como forma de agir de acordo com os dizeres e as recomendações dessas representações – à procura da vida boa, o herói, das conquistas, da perfeição *versus* evitar a decadência, o caminho errático, o pecado, a perversão...

- *Segunda teoria* – resultado, também, ela de uma representação racional e irracional que vai estruturar a ideia de cultura e, com ela, as dinâmicas de tradição, costumes, senso comum (Doxa). A prática correspondia a formas de agir de acordo com a cultura – os costumes, o folclore, a moral e a ética.

- *Terceira teoria* – surge na antiga Grécia. Teoria resultado do conhecimento sistematizado sobre determinado domínio pela observação empírica (Aristóteles como um dos precursores) e pela formulação de hipóteses que a confirmam ou infirmam. A prática carrilava nas formas de agir de acordo com os princípios, regras ou recomendações dessa teoria.

- *Quarta teoria* – Uma que surge também do Grego como: *estudo e contemplação*; a outra, encontramos-la no Latim como *especulação filosófica*. As formas de agir estão assentes numa *praxis* (sentido ontológico) – atividade que visa a transformação psicológica, física e emocional, tendo em vista a contemplação, a felicidade, a reflexão e o transcendente.

- *Quinta teoria* - emerge com a modernidade, sendo muito ligada ao económico, aos media, à indústria cultural e tendo um sentido muito forte de produtividade e eficácia. A prática é, muitas vezes, do campo paradoxal e irracional, levando à não prática, a práticas perversas, especulativas...onde a verdade é, muitas vezes, mentira e a mentira se assume como verdade...

A manifestação destas teorias e respetivas práticas irão consagrar a ideia de *valor epistemológico* – *valor do conhecimento*...

3- *O atomismo lógico*, herdeiro do trabalho de Gottlob Frege no Século XIX, é uma doutrina filosófica sustentada por Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein, durante a primeira metade do Século XX. Foi fundada sobre a recusa do monismo tipo idealista de Hegel e a afirmação do reconhecimento de um pluralismo irreduzível no mundo (mundo como diversidade).

4- *Positivismo lógico* é uma posição filosófica geral, também denominada *empirismo lógico* ou *neopositivismo*, desenvolvida por membros do Círculo de Viena (década de 20 do Século XX). Tem por base no pensamento empírico tradicional e o desenvolvimento da lógica moderna – muito influenciado pelo seu precursor Auguste Comte – na primeira metade do Século XIX. O positivismo lógico restringiu o conhecimento à ciência e utilizou o Verificacionismo para rejeitar a Metafísica não como falsa, mas como destituída de significado. A importância da ciência levou os positivistas lógicos proeminentes a estudar o método científico e explorar a lógica da teoria da confirmação. O positivismo lógico, hoje em dia, é “desconsiderado”/criticado pela maioria dos filósofos. Mas as correntes filosóficas desdobradas de Thomas Kuhn (que estabelece o caráter paradigmático da ciência) e Paul Feyerabend, demonstrando que, na prática científica, a ciência não evolui segundo normas pré-estabelecidas, parecem continuar a ser objeto de análises várias. Moritz Schlick; Rudolf Carnap; John Locke, David Hume, Karl Marx (pelo tratamento científico da história), Gottfried Leibniz (pelas matemáticas e lógica), são também homens precursores e continuadores desta posição filosófica e científica.

5- *O neokantismo ou neocriticismo* é uma corrente filosófica desenvolvida principalmente na Alemanha, a partir de meados do século XIX até os anos 1920. Preconizou o retorno aos princípios de Immanuel Kant, opondo-se ao idealismo objetivo de Georg Friedrich Hegel, então predominante, e a todo tipo de metafísica, mas também se colocava contra o cientificismo positivista e sua visão absoluta da ciência. O neokantismo pretendia portanto *recuperar a atividade filosófica como reflexão crítica acerca das condições que tornam válida a atividade cognitiva - principalmente a Ciência, mas também os demais campos do conhecimento - da Moral à Estética*. As principais vertentes do neocriticismo alemão foram a Escola de Baden, que tendia a enfatizar a lógica e a ciência, e a Escola de Marburgo, que influenciaram boa parte da filosofia alemã posterior, particularmente o Historicismo e a Fenomenologia. Os seus principais representantes são Hermann Cohen, o líder da Escola de Marburgo, Paul Natorp e Ernst Cassirer.

6 - *Fenomenologia* do grego *phainesthai* - aquilo que se apresenta ou que se mostra - *logos* - explicação, estudo, afirma a importância dos fenômenos da consciência, os quais devem ser estudados em si mesmos – tudo que podemos saber do mundo resume-se a esses fenômenos, a esses objetos ideais que existem na mente, cada um designado por uma palavra que representa a sua essência, a sua "significação". Os objetos da Fenomenologia são os *dados absolutos apreendidos em intuição pura, com o propósito de descobrir estruturas essenciais dos atos (noesis) e as entidades objetivas que correspondem a elas (noema)*. Os fenomenologistas “lutaram” contra o historicismo e o psicologismo. Idealizando um recomeço para a filosofia como uma investigação subjetiva e rigorosa que se iniciaria com os estudos dos fenômenos como aparentam a mente para encontrar as verdades da razão. As suas investigações lógicas influenciaram até mesmo os filósofos e matemáticos da mais forte corrente oposta - o empirismo lógico. A Fenomenologia representou uma reação à eliminação da metafísica, pretensão de grande parte dos filósofos

e cientistas do século XIX e início do século XX Franz Brentano, Edmund Husserl e Merleau-Ponty são considerados os representantes maiores.

“A expressão ‘fenomenologia’ aparece pela primeira vez no século XVIII na escola de Christian Wolff, no Neues Organon de Lambert, diretamente ligada a desenvolvimentos análogos populares naquela época, tais como dianologia e alethiologia, que significava a teoria da ilusão - uma doutrina para evitar as ilusões. Algo parecido aparece em Kant. Numa carta à Johann Heinrich Lambert, ele escreve: Isso (a fenomenologia) aparece de um modo bastante particular, como uma disciplina propedêutica que deve preceder a metafísica, onde os valores e limites do princípio da sensibilidade são determinados. Mais tarde, a ‘fenomenologia’ vai constituir-se como um título maior na obra de Hegel. (...) ‘Fenomenologia’ aparece também nas conferências de Franz Brentano acerca da metafísica.” (Heidegger, 2005, p.3).

“Desde os seus primórdios, a fenomenologia apresentou-se como uma tentativa para resolver um problema... mas talvez o problema do século: problema que se punha desde 1900 para todo o mundo e que ainda hoje é colocado. Com efeito, o esforço filosófico de Husserl, no seu espírito, destinou-se a resolver, simultaneamente, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências simplesmente, da qual ainda não escapamos.” (Merleau-Ponty, 1983.p.11).

7 - Escola de Frankfurt (em alemão: *Frankfurter Schule*) refere-se a uma escola de teoria social interdisciplinar neo-marxista particularmente associada com o Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt – 1924. A escola, inicialmente composta por cientistas sociais marxistas dissidentes que acreditavam que alguns dos seguidores de Karl Marx, tinham-se tornado "papagaios" de uma limitada seleção de ideias de Marx, e utilizadas em defesa dos ortodoxos partidos comunistas. Entretanto, muitos desses teóricos experimentaram que a tradicional teoria marxista não poderia explicar adequadamente o turbulento e inesperado desenvolvimento de sociedades capitalistas no século XX. Críticos tanto do capitalismo e do socialismo da União Soviética, as suas escritas apontaram para a possibilidade de um caminho alternativo para o desenvolvimento social. Apesar de algumas vezes apenas espontaneamente afillhados, os teóricos da Escola de Frankfurt falaram com um paradigma comum em mente, compartilhando, portanto, os mesmos pressupostos e sendo preocupados com questões similares. A fim de preencher as percebidas omissões do marxismo tradicional, eles solicitaram extrair de outras escolas de pensamento, por isso usaram ensaios de sociologia antipositivista, psicanálise, filosofia existencialista e outras disciplinas. As principais figuras da escola foram solicitadas a aprender e sintetizar os trabalhos de variados pensadores, como Kant, Hegel, Marx, Freud, Weber e Lukács. Seguindo Marx, *eles estavam preocupados com as condições que permitiam mudanças sociais e o estabelecimento de instituições racionais. A sua ênfase na componente "crítico" da teoria foi derivada significativamente pela tentativa de superar os limites do positivismo, materialismo e determinismo retornando à filosofia crítica de Kant e aos seus sucessores no idealismo alemão, principalmente a filosofia de Hegel, e a sua ênfase na dialética e contradição como propriedades inerentes da realidade.* Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Friedrich Pollock, Erich Fromm, Otto Kirchheimer, alguns dos seus fundadores e precursores.

8 - Se atendermos ao sentido da história e à dimensão humanista da Educação Física/Desporto, podemos elaborar uma pequena taxonomia e elevar algumas constatações/proposições:

a– O desporto clássico tinha (tem) como grande objetivo a competição e a obtenção de mais e melhores resultados - manifestação olímpica. Era (é) um desporto para alguns, desporto que não fazia (faz) parte da vida quotidiana. É desporto de um grupo (atletas) que praticava (pratica) e competia (compete).

b – No entanto, o desporto clássico tinha também na sua essência (os Gregos sabiam disso) uma manifestação que poderia ser educativa e, por isso, foi chamado a integrar essa missão. O maior exemplo deste fato pode ser encontrado no projeto educativo helénico, onde a Educação Física concorria de igual forma com as outras áreas educativas - canto, retórica, escultura e pintura. Hoje, esse sentido continua presente, fazendo parte do projeto educativo moderno - faz parte do currículo escolar...

c – Com a modernidade (revolução industrial, iluminismo...), o desporto continua a ter estas duas direções, acrescentando, agora, uma nova direção: *o social*. O Desporto invadiu o social, sendo simultaneamente produtor e produto social, constituindo-se como uma manifestação cultural. Na base desta dialética (mais do que dicotomia ou dualidade), está uma melhoria das condições básicas de vida (para lá da sobrevivência... “mais tempo” para o ócio...) associado à evolução da técnica, da informação e da comunicação. De salientar que esta manifestação cultural do desporto (para além da sua manifestação mais purista) foi instrumentalizada por uma indústria cultural e pelos media...o que veio trazer outras implicações, nomeadamente mercantis e consumistas, ideológicas (consolidação capitalista...)

Independentemente das tendências atuais do desporto, podemos afirmar que esta evolução permitiu:

Um maior processo de comunicação – comunicação de pessoas, de seres humanos...seres de comunhão, de partilha, que vivem em comum.

Uma valorização do corpo através do desporto – assiste-se ao elogio da saúde, da estética, do prazer, observando-se a exaltação do corpo e o regresso à natureza; novos espaços informais e não formais são contemplados. O Corpo, que, antes, era um instrumento produtivo, “passa” a ser instrumento e um locus de vida, realização individual e coletiva, manifestação de felicidade, apesar, naturalmente, de olhares opostos que veem, hoje, o corpo “escravo” do modelo consumista.

"O verdadeiro sábio procura a ausência de dor, e não o prazer." (Aristóteles)

Bibliografia

ARISTÓTELES. (1985). *Metafísica*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

BIVAR, A. (1952). *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*. Porto: Edições Ouro, II, pp.1173-1174.

CAMILO CUNHA, A. (2008). *Pós-Modernidade, socialização e profissão dos professores de educação física - para uma nova reconceptualização*. Viseu: Vislis Editores.

CAMILO CUNHA, A. e PETRICA, J. (2009). *O Pensamento do professor. Conhecimento, cultura, existência*. Braga: Edições Casa do Professor.

CANTISTA, M et. al. (2007). *Desenvolvimento da fenomenologia na contemporaneidade*. Lisboa: Campo das Letras. Editores, S.A.

CARR, W. & KEMMIS, S. (1988). *Teoria crítica de la enseñanza*. Barcelona: Martinez Roca.

CASTELA, A. (2006). A Mudança cultural a que chamamos de pós - modernidade: valores em crise Vs crise de valores. In: Martins, E (Org.). (R)

evolução das ideias e teorias pedagógicas. Castelo Branco: Alma Azul Editores, pp.275 - 284.

COMTE, A. (2002). *Discurso sobre o espírito positivo*. Coleção Biblioteca Básica de Filosofia. Rio de Janeiro: Edições 70 (Brasil).

CHELITA, G. (2010). *Vivendo a filosofia*. São Paulo: Atual Editora.

DAOLIO, J. (1996). *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus.

DICIONÁRIO GERAL DA LÍNGUA PORTUGUESA (2011). Porto: Porto Editora.

DUFOUR, W. (1992). 50 Ans d'education physique en europe. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, Paris: 4, pp.79-97.

DUROZOI, G. & ROUSSEL, A. (2000). *Dicionário de filosofia - dicionários temáticos*. Porto: Porto Editora.

FIGUEIREDO, A. (1998). As concepções de educação física no ocidente. *Revista do Instituto Politécnico de Viseu (Millenium)*, Viseu: 3, (10), pp.189-204.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA (S/D). Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 32, pp.228-229.

HABERMAS, J. (1991). *El discurso filosófico de la modernidade*. Madrid: Taurus.

HEIDEGGER, M. (1989). *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores.

HEIDEGGER, M. (2005). *Introduction to phenomenological research*. Indiana: Indiana University Press.

HEIDEGGER, M. (2006). *Ser e tempo*. Trad. Maria Sá Cavalcanti Schuback. São Paulo: Vozes.

HUSSERL E. (1999). *Lógica, psicologia e fenomenologia*. Génova: Melangolo.

HUSSERL E. (1992). Fenomenologia. In: *Invitación a la fenomenologia*. Barcelona: Paidós.

JAQUES, M. (1995). *Auguste Comte: Un philosophe pour notre temps*. Paris: Kimé.

LAW, S. (2010). *Filosofia - guias essenciais*. Editora Civilização.

LÉVI - STRAUSS, C. (1989). *O Pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus.

- MACHADO, J. (1977). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte (3º Ed.).
- MARCUSE, H. (1997). *Cultura e sociedade*. Vol. 1. Trad. Wolfgang Leo Maar et. al. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MERLEAU-PONTY, M. (2004). *O olho e o espírito*. São Paulo: Editora Cosac Naify.
- MERLEAU-PONTY, M. (1983). *Ciências do homem e fenomenologia*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Ed. Saraiva.
- MERLEAU-PONTY, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes.
- PEREZ, D. (2008). *Kant e o problema da significação*. Curitiba: Editora Champagnat.
- PLATÃO (2002). *Diálogos - Hípias menor - agir humano; Segundo Alcibíades - conhecimento; Teeteto: Teoria do Conhecimento*. Enciclopédia Britânica.
- POMBO, O. (2000). *A Crise na educação In: Quatro textos excêntricos (Introdução)*. Lisboa: Relógio D'Água.
- VÁSQUEZ, A. (2007). *Filosofia da práxis*. São Paulo: Clacso.